

**COMO A CRÍTICA LITERÁRIA REAGIU – E REAGE – À  
FIGURAÇÃO DO REGIONAL NA PROSA CONTEMPORÂNEA**

Manuella Mirna Enéas de Nazaré (UFPE)

**RESUMO:** Nesta Era, marcada pela multiplicidade, a sociedade se modificou muito; paralelo a isso, as necessidades estéticas foram modificadas, e a literatura acompanhou esse processo. A figuração de um regional consonante com as mudanças e complexidades do hoje é um dos caminhos que a literatura brasileira contemporânea vem tomando para se expressar, não em defesa de um projeto particular, como o regionalismo, mas pela necessidade de fazer um diálogo de entendimento e atualização com o passado. Falar em regional sem dizer ou desdizer os discursos construídos em torno desse conceito é problemático, uma vez que não só o passado reclama suas marcas deixadas, como também o presente mostra que as demandas sociais, culturais e artísticas são outras. Em meio às modificações e remodelações da literatura contemporânea, a crítica literária se encontra ainda um pouco tateante. Da percepção desse movimento ativo da literatura e esquivo da crítica, este trabalho se volta para o entendimento de como a crítica literária contemporânea tem recebido os novos discursos ficcionais de figuração regional, com enfoque sobre a prosa. Trazemos várias vozes da crítica contemporânea para debater ideias, conceitos e pressupostos acerca dessa tendência, como Perrone-Moisés, Schollhammer e Costa Pinto. Com este trabalho, objetivamos chamar a atenção para a figuração do regional na literatura contemporânea, tendência que, em suas novidades, ainda é pouco compreendida e estudada; lançar luz sobre os estudos da crítica literária contemporânea, que nem sempre são recorridos como aparato de pesquisa acadêmica; e estimular estudos mais aprofundados de crítica literária dentro dessa tendência contemporânea da literatura brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica literária. Contemporâneo. Literatura. Regional.

Tratar da contemporaneidade é complexo e questionável, uma vez que esta fase da história humana mostra ser de permanências, construções e atualizações:

A nossa contemporaneidade é um presente saturado de passado e de futuro, o que equivale confirmar que se trata de um fenômeno histórico-cultural grávido de sentidos, que remetem tanto para os foros da modernidade quanto da pós-modernidade. (SIQUEIRA, 2014, p. 83).

Entre a continuidade e a ruptura, a contemporaneidade se investe de ambivalências, o que aumenta seu caráter impreciso e plural. Só por isso, já seria um desafio estudar a literatura deste tempo. Ademais, a proximidade temporal entre autor e

leitor favorece a identificação e, portanto, pode levar a uma análise parcial e conclusões precipitadas.

Mesmo assim, aceitar o desafio se faz necessário, pelas mudanças na dinâmica social, na maneira de pensar e reagir ao mundo, nas formas de manifestação de arte. Nesse empreendimento, é preciso ter atenção às demandas sociais que dão luz à obra, bem como ao contexto individual do escritor, às tradições com que se permitiu dialogar, mantendo senso crítico do momento e do escritor:

Uma obra faz sempre parte de uma cadeia, ela destaca-se sempre de um pano de fundo e talvez ainda mais particularmente quando trata um tema dotado com a sua tradição própria, na qual o autor escolheu incluir-se. (TROUSSON, 1988, p. 51).

No estudo de algumas obras teóricas e críticas de literatura no contemporâneo, é possível perceber esse cenário provocador de pluralidade e imprecisão. Em Schollhammer (2011), Resende (2008) e Pereira (2011), por exemplo, percebemos que a literatura contemporânea brasileira não se mostra homogênea, mas não é excludente. Ela não criou, até então, nenhuma escola literária, nem se prende a anteriores. Muito embora dialogue com alguns elementos do passado social e literário, que tendem a serem revistos, recriados, renovados, o que parece obedecer a uma necessidade de entendimento e reconstrução dos parâmetros já conhecidos.

Perrone-Moisés (2016) também percebe isso. Ao comentar o fato de não haver um projeto definido e defendido pelos escritores do contemporâneo, a estudiosa afirma que ora eles dão continuidade aos processos estilísticos literários do passado, ora ignoram isso, “praticando tranquilamente qualquer tipo de estilo do passado, sem a preocupação modernista com o novo.” (*op cit*, p. 45).

Nesse entendimento, ela acredita que:

Estamos sempre mais próximos do passado que nos formou do que do presente, pois este já anuncia um futuro ainda desconhecido para nós.  
[...]

A própria ideia de contemporaneidade exige a consciência de um tempo passado. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 254).

Portanto, refletir sobre o passado se faz imperante para entender as circunstâncias do presente, e a literatura acompanha esse pensamento.

Costa Pinto (2005), ao estudar a literatura brasileira contemporânea (até 2005), percebeu a falta de escolas e fronteiras, mas também a afinidade entre tendências estruturais e temáticas. Como afinidade temática fundamental, ele enxergou o isolamento e a vulnerabilidade do sujeito moderno urbano, dentro de um entendimento, da literatura brasileira contemporânea como sendo, essencialmente, urbana. Ele exclui

desse estudo obras que não se passam em cidades legitimadas pelo cosmopolitismo, obras em espaços ficcionais mais periféricos, mais regionais.

É interessante pensar que urbano é diferente de cosmopolita; que há muitos centros urbanos, na atualidade, no interior das nações (lugar privilegiado da literatura regional ao longo dos séculos), que não são ainda cosmopolitas, mas também não são mais rurais. Estão em um processo de transição, rápido e natural, social, econômica, territorial, política, cultural, humana, emocional. Dessa forma, o regional contemporâneo está mais próximo desses espaços em transformação, que guardam uma memória coletiva tradicional, mas estão sendo partícipes, pouco a pouco, dos efeitos modernizantes da globalização.

Embora não pareça, a atenção ao regional em um tempo de forças homogeneizantes não é contraditório, e sim uma consequência natural. O processo de globalização repetiu a necessidade de se atentar a certas particularidades; não necessariamente louvar, mas retocar e rediscutir passados, fronteiras locais, tradições culturais, identidades individuais em relação à comunidade de origem. É o homem repensando seu eu original devido à grande dispersão cultural e ideológica de si na Era da multiplicidade; um homem transversal, que assistiu o passado virar o presente, mas deixar ruínas de tradições e valores pelo chão da atualidade.

Perrone-Moisés (2016, p. 256) entende que:

A globalização econômica, a informática, os progressos da genética, as migrações humanas, o acirramento das guerras religiosas e culturais, o aquecimento global, tudo isso tem tido consequências na vida dos homens sobre a Terra, e a literatura, como sempre fez, tem registrado essa nova situação.

Mesmo em argumento de naturalidade, estudar o regional na literatura contemporânea é problemático, pois o conceito de regional na literatura costumou ser carregado de ideologias sociológicas e interesses políticos particularistas, o que, a longo prazo, gerou um clima de preconceito para com essa literatura.

Ao refletir sobre a arte na era da globalização, Anjos (2005) afirma ser a região Nordeste a que mais sofreu a construção de um ideário regional em volta de si e “a mais insistentemente (auto)proclamada como regionalista” (*op cit*, p. 54). Portanto, seja por interesses políticos, ideológicos ou classistas, certa ideia de Nordeste foi tombada e é difícil desconstruí-la, mesmo nas diluições dessa Era de universalismos. Diante disso, o autor afirma a necessidade de um novo olhar sobre o Nordeste, sendo ele “um território movente imerso numa temporalidade que se contrai e distende.” (ANJOS, 2005, p. 69).

Portanto, ao estudar o regional no contemporâneo, deve-se ter o cuidado de não repetir estatutos ultrapassados, como o regionalismo. Não acreditamos que haja sobrevivência do regional em seu “ismo”, pois esse tipo de prosa é gerada por “grupos ou movimentos especializados para impor territorial e geograficamente os seus (bem definidos) interesses de natureza econômica, política ou cultural” (KRAMER, 2006, p. 10 *apud* ARENDT, 2015, s.p.), fenômeno próprio das sociedades modernas.

O regionalismo é politicamente engajado, voltado à implantação de determinado imaginário na memória coletiva nordestina e brasileira. Por isso, está em contínua tensão com elementos espaciais e temporais, no propósito de elaborar representações de si e de outros e de construir identidades a partir da definição de espaços sociais. Para tanto, afirma particularidades, delimita territórios e define relações com o meio ambiente, o que não é a preocupação das produções regionais contemporâneas.

Nas palavras de Barcia (2004, p. 29 *apud* ARENDT, 2015, p. 114), uma literatura regionalista é:

por decisión del autor, limitada a la región, centrada en ella. Es programática y poéticamente consciente de que abunda – y su imperativo es abundar – en rasgos específicos, distintivos de la región.

Isso implica uma adesão consciente, por parte do autor, a um projeto de sacralização de um espaço e de sua determinada cultura, o que não ocorre na contemporaneidade, despojada da preocupação de enaltecer e/ou defender espaços e culturas particulares; despojada do compromisso com projetos estilístico-ideológicos.

Assim, sem se reenquadrar no regionalismo ou revivê-lo, a literatura contemporânea brasileira, ao trabalhar o regional, mostra sua postura de não engajamento ao lado do diálogo com o passado. É o que alguns críticos literários percebem.

Schollhammer (2011), em seus estudos de literatura contemporânea brasileira, discute tendências e novas formas de atuação da ficção atual. Dentre elas, há o que chama de “novo realismo regionalista”, do que explica:

Estamos falando de um tipo de realismo que conjuga as ambições de ser “referencial”, sem necessariamente ser representativo, e ser, simultaneamente, “engajado”, **sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios.** Ou seja, não basta demarcar uma diferença fundamental dessa nova escrita realista em relação ao realismo histórico do século XIX, mas também, e principalmente, em relação às reformulações políticas do realismo realizadas tanto no romance regional da década de 30 quanto na literatura urbana da década de 70, que se colocava claramente contra o

regime político da ditadura militar. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 54).

Nesse sentido, o autor percebe a existência na contemporaneidade de uma nova maneira de expressão do regional que se conjuga com o realismo, com a ressalva de não ser representativo nem subscrever um projeto ou definições restritivas, em oposição ao realismo regional de 30 e 70 do século XX.

Conscientemente, o crítico percebe que o regional na contemporaneidade mudou seu enfoque:

A questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco da tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles. (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 78-79).

Nesse contexto, ao se descentrar das representações de um espaço regional, bem como de um projeto regionalista, a literatura contemporânea de figuração regional tem, como principal preocupação, o homem, como ser proscrito e entre tensões interiores de tempo e espaço.

Optando por não se preocupar com fronteiras externas de tempo e espaço, a ficção contemporânea mostra acompanhar as instâncias do contemporâneo, colocando seu foco em um homem sem amarras políticas e sociológicas, mas em tensão com memórias e identidades, conflitos e tensões.

Outros críticos giram em torno dessa percepção. Farias e Aguiar (2013), ao estudar obras literárias pernambucanas e chamar seus escritores de “ficcionistas pernambucanos” (*op cit*, p. 102), têm o cuidado de advertir que tal rótulo não significa que esses ficcionistas carreguem em si a intensidade de uma alma literária com o selo desse estado, mas apenas que, de um modo ou de outro, Pernambuco se mostrou relevante no desenvolvimento de suas carreiras literárias.

Nesse sentido, Farias e Aguiar (2013) lembram que essa ressalva é válida para a literatura de qualquer cultura, ainda mais quando se trata da literatura contemporânea: “pois a procura de uma identidade regional não é mais pauta prioritária na obra desta *Ficção 2.1*” (*op cit*, p. 103).

Costa Pinto (2014), por sua vez, ao tentar responder à pergunta de se havia ainda uma literatura regionalista na contemporaneidade, utiliza como exemplo o escritor Ronaldo Correia de Brito para afirmar a existência de um diálogo com o regionalismo. O crítico diz que Ronaldo “colhe os frutos podres do colapso do projeto regionalista de encontrar uma narrativa que explicasse as contradições (sociais e subjetivas) do Brasil”

(COSTA PINTO, 2014, s.p.) e subverte o projeto regionalista, em um diálogo em litígio, de rechaço.

Assim, sem afirmar a resistência do regionalismo na literatura contemporânea, Costa Pinto (2014) enxerga a existência de um diálogo de rechaço para com o regionalismo, seu projeto, suas propostas estruturalmente homogêneas para a sociedade e a literatura.

Farias e Aguiar (2013), ao estudarem ficcionistas pernambucanos, também veem Ronaldo Correia de Brito como um bom exemplo da figuração literária do regional no contemporâneo, deixando mais claro a não vinculação a projetos:

Sua obra proporciona uma nova leitura de um espaço social muito frequentado pela nossa literatura e cinema, o Sertão, sem, contudo, se vincular a um projeto regionalista, em que o Sertão seria enxergado como um lugar de identidade “pura”, ou como uma espécie de baú do tesouro de nossa nacionalidade.

Na leitura de Prioste (2013) acerca do Sertão no contemporâneo literário, vemos a afirmação da dimensão humana em detrimento da dimensão espacial desse ambiente, que de físico se tornou Interior ao Ser, o que é também importante para o entendimento da figuração do regional no contemporâneo. Ele diz:

O determinismo do espaço não constringe o ser ao limitável [...] Não é o sertão que molda o ser, mas esse que se apresenta como sertão em toda parte do TODO. (PRIOSTE, 2013, p. 290).

Dessa forma, ao ser caracterizado pela ubiquidade, o sertão é desvinculado do condicionante determinante, fortalecendo o que compete ao humano, que dá ao sertão contornos universais. Por isso é que esse espaço sacramentado da literatura regional se funda, no contemporâneo, em uma amplitude muito mais abrangente do que a que o determinou tempo espacialmente no passado, conforme Prioste (2013).

Bras (2014), por sua vez, também ao ser questionado acerca da existência de literatura regional na contemporaneidade, tem a preocupação de desvincular a literatura regionalista da atualidade. Assim, afirma a existência de literatura de figuração regional no contemporâneo sobre outras formas de ação, diferentes das do regionalismo, que deixa claro não servir para as instâncias do hoje.

O crítico explica que a origem ou a posição geográfica não determinam a literatura contemporânea, que são uma escolha afetiva do escritor, uma escolha que “enriquece o cardápio” (BRAS, 2014, s.p.).

Dessa forma, fortalecemos a ideia de que a questão regional na contemporaneidade não se expressa atada a espaços, mas sim a partir das tensões fincadas no homem com o desequilíbrio das instâncias do passado e do presente dentro

de si. Diminuída em sua importância, a eleição de um espaço fica a critério afetivo do escritor, que, por vontade, queira abrir discussões relacionadas com o espaço, mas não subjugadas a ele.

Ainda assim, da mesma forma que Costa Pinto (2005), que vê a literatura brasileira hoje como eminentemente urbana, o crítico chega a afirmar: “O momento, porém, é mesmo da literatura urbana e cosmopolita.” (BRAS, 2014, s.p.), isto é, de uma literatura passada em cidades urbanas legitimadas pela globalização.

Esse entendimento de ser predominante na literatura contemporânea o *thopos* do urbano não exclui o *thopos* do regional, como viemos percebendo nos estudos de crítica literária, que percebem alguns escritores contemporâneos brasileiros com prosas em diálogo com questões regionais – a prosa “tem sido o gênero preferencial dos escritores contemporâneos” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 45), motivo pelo qual voltamos nossa atenção para a crítica literária de prosa. São eles: João Ubaldo Ribeiro, Francisco J. C. Dantas, Milton Hatoum, Antônio Torres, Antônio Geraldo Figueiredo Ferrara, Valêncio Xavier, Luiz Ruffato, Márcio Souza, Raduam Nassar; destacamos ainda Estevão Azevedo, Antônio Carlos Viana, José Luiz Passos.

Masina (2014) organiza obra que serve como uma espécie de catálogo dos escritores do contemporâneo. Infelizmente, na organização que ela faz não estão contemplados muitos dos escritores acima citados. Dentre os citados, destaca-se Milton Hatoum. Sobre sua ficção, a autora observa: a influência da cidade da sua infância; a influência de lendas, fábulas, mitos e crendices da sua família e conhecidos; a consciência da alteridade; a consciência de um horizonte multicultural; a abordagem não regionalista; o enfoque sobre os dramas e conflitos familiares, trajetórias de vida e destinos; a verdade das relações humanas, não a verdade histórica; a importância da memória do escritor; personagens inspirados em familiares.

Pela não vinculação ao projeto regionalista e a espaços restritivos, pela consciência das multiplicidades da nossa Era e pelas tensões íntimas do ser humano fruto do descompasso com tempo, memórias e absorções de cultura, as características acima citadas poderiam ser boas definições da figuração do regional no contemporâneo, se estivéssemos buscando delinear essa tendência regional na literatura contemporânea, mas nosso foco, neste trabalho, tem sido estudar a reação da crítica a essa tendência.

Pensando em Masina (2014), observamos que ela não pensa em características de uma tendência literária que um escritor abraça, e sim em características ficcionais de um (1) escritor; ela sequer fala em regional. A autora parece ignorar a existência de uma

linguagem literária contemporânea que dialogue com a tradição regional, postura crítica que caracteriza uma das maneiras de reação à figuração do regional na ficção contemporânea, uma postura de alienação frente a esse assunto.

Embora nem sempre legitimada, essa figuração existe e muitos escritores a percebem, como vimos. Ela vem mostrando sua forma de ação a partir de vários escritores e, como outras tendências da literatura contemporânea, ela dialoga com a modernidade e se instaura enquanto linguagem nova e transformada, pelo novo e pelo antigo.

Na obra organizada por Chiarelli et al (2013) há um mapeamento de tendências da literatura contemporânea, nos contatos ou fugas com a realidade fragmentada e instável. Dentre essas tendências, é pensado que “parte expressiva da atual literatura brasileira está caminhando neste momento para uma releitura das tradições da modernidade, saqueando ou revisitando o passado” (DAMAZIO, 2013, p. 2). Trata-se, como vimos percebendo até aqui, do diálogo literário com um passado em ruínas, que marca o presente do ser humano, que, em suas expressões de individualidade, mostra memórias e identidades em conflito pelas transições mal feitas entre passado e presente.

Nessa obra, há uma percepção geral de que os ânimos atuais ou têm uma valorização simplificadora do novo, pela dificuldade em apreender a literatura caracterizada pela multiplicidade, ou têm o pré-conceito de abordagens comparativas com modelos canônicos, que se furtam a investigar o que há de específico e/ou novo na produção atual.

Isso nos chama a atenção para a necessidade de evitar os gênios esquivos “da crítica, que reduzem toda incerteza e exploração criativa a esquemas ideais de registro ou transfiguração do real pela literatura” (DAMAZIO, 2013, p. 2). Por isso, objetiva-se a superação de polarizações redutoras da literatura contemporânea por parte da crítica literária.

Neste ponto, importa pensar sobre a tradição, que parece ter um peso desmedido tanto para escritores quanto para críticos, tanto no sentido de influência, quando ainda há a tradição, quanto no sentido do peso da ausência de parâmetros de leitura, quando a tradição se desfez e não ancora mais a crítica.

Esse é um desafio que precisa ser enfrentado, pois o contemporâneo se mostra como uma construção de faces contraditórias sobre um passado em ruínas, as quais representam o peso das tradições. Por isso, resta à crítica entender os sinais de

reconstrução do texto literário, apesar do desafio da falta de alguns parâmetros de leitura e análise, ou da presença de outros com os quais não está habituada.

O passado que nos formou permanece presente dentro do ser humano, e a crítica deve perceber esse movimento de diálogo, reconhecendo as ruínas regionais deixadas e buscando entender as ferramentas que a literatura vem utilizando para entender esse processo sem fazer a reprodução acomodada dos dados homogeneizantes do passado, o que não se encaixa mais no contemporâneo.

Nessa linha de pensamento, Anjos (2005, p. 69) entende que as obras artísticas contemporâneas de uma região são “proposições criativas que, embora marcadas pelo que é presente nos locais de onde se enunciam, terminam por destes desprender-se e, em trânsito constante, alcançar ainda outros lugares e momentos.”.

Isso se faz verdade no contexto de globalização em que vivemos, que ditou novas formas de se analisar o regional na contemporaneidade, levando-nos a uma leitura livre de dicotomias, definições e territorialismos, conectada com as lutas íntimas do ser humano, em contato, dentro de si, com os restos do passado e as propostas de futuro; uma proposta mais plural e mais livre, portanto, de pensar a regionalidade.

Além do peso das tradições e da questão espacial da literatura regional, outras formas antigas de análise ainda influenciam negativamente a crítica atual, dificultando uma nova abordagem e um novo entendimento acerca dessa tendência literária na ordem do contemporâneo. É o caso da marginalidade, que costumou ser, na segunda metade do século XX, um *thopos* operativo interessante para se pensar a literatura não canônica do ponto de vista de seus elementos temáticos, estilísticos, sociais e culturais. Essa maneira de análise reposiciona os debates binários (centro e periferia, maiorias e minorias, inclusão e exclusão, local e regional), o que não se coloca em voga na contemporaneidade, Era de multiplicidades.

Não é positivo pensar em regionalidades na literatura contemporânea de forma dicotômica, nem estabelecer reflexões restritivas em torno do conceito de regional. Na atualidade, o regional cabe muito mais enquanto dialogante com culturas, espaços e imaginários tradicionais de uma região; dentro de uma perspectiva movente e atualizada, e não como um conceito homogêneo e imóvel.

Infelizmente, a crítica literária, na parte que percebeu as dinâmicas e reformulações do regional na literatura, ainda não veio tratar disso abrangentemente, não aprofundou os estudos dentro dessa tendência da literatura contemporânea. Talvez a

contemporaneidade intimide a crítica por sua falta de projeto, pois, como diz Perrone-Moisés (2016, p. 257), “sem um projeto de futuro, a crítica perde parte de sua eficácia”.

Por isso, reiteramos o pensamento de Rocha (2015): é necessário se reinventar e afastar o pendor apocalíptico da contemporaneidade; é preciso que a crítica literária possa plasmar noções novas, que dialoguem com as noções definidoras dessas primeiras décadas do século XXI e traduzam melhor as demandas sociais de nosso tempo, bem como as manifestações na cultura e na arte.

O que é consoante com nosso tempo, pois palavras em alta no contemporâneo são justamente reflexão e crítica, enxergando que “nossa época é o momento de pensar sobre o passado recente e de criticar os caminhos do presente” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 48-49), para que desse processo possa surgir o novo. Essa seria uma postura crítica esperada para a contemporaneidade, compromissada com a escrita, a leitura e a discussão literárias.

## Referências

ANJOS, Moacir dos. **Local/global: arte em trânsito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ARENDDT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, 2015.

BRAS, Luiz. Respostas de Luiz Bras. **Folha de São Paulo online**, São Paulo, 23 fev 2014, coluna Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/02/1415895-respostas-de-luiz-bras.shtml>>.

CHIARELLI, Stefania et al (orgs.). **O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

COSTA PINTO, Manuel da. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.

\_\_\_\_\_. Respostas de Manuel da Costa Pinto. **Folha de São Paulo online**, São Paulo, 23 fev 2014, coluna Ilustríssima. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/02/1415924-respostas-de-manuel-da-costa-pinto.shtml>>.

DAMAZIO, Reynaldo. Labirintos da crítica Literária. **Revista Cult**, dez, 2013. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/12/labirintos-da-critica-literaria/>>

FARIAS, Pedro Americo de; AGUIAR, Cristhiano. **Ficção em Pernambuco**: breve história. Recife: Grupo Paés, 2013.

MASINA, Léa et al (orgs.). **Por que ler os contemporâneos?** Autores que escrevem o século 21. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

PEREIRA, Helena Bonito. Breves apontamentos para a história literária brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 31-49.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PRIOSTE, José Carlos Pinheiro. No enveredamento das sertanias. In: VIOLA, Alan Flavio (org.). **Crítica Literária Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: \_\_\_\_\_. **Contemporâneos**: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro. Crítica Literária hoje. **Cândido** – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, 2015. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo.php?conteudo=626>>.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. **Labirintos da modernidade**: memória, narrativa e sociabilidades. Recife: Editora UFPE, 2014.

TROUSSON, Raymond. **Temas e mitos**: questões de método. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.